

Jornalistas sob ataques generificados: riscos e traumas no jornalismo pela perspectiva da feminização na profissão

Amanda Aparecida Grzebielucka[1]

Ester Roloff[2]

Maria Eduarda Gallinea Bastos[3]

Paula Melani Rocha[4]

RESUMO
A discussão traz resultados da pesquisa Riscos e traumas no jornalismo. Inovação tecnológica e a feminização da profissão, vinculada ao Journalism Education and Trauma Research Group. Trata-se das etapas desenvolvidas em três projetos de iniciação científica responsáveis pelas seguintes frentes: levantar o estado da arte de pesquisas científicas e de monitoramento internacionais de ataques contra jornalistas; observar a articulação entre ataques virtuais a jornalistas, propagação de fake news com ofensas misóginas, machistas e/ou lgbtI+fóbicas e pautas alvos; e perfilar as jornalistas atacadas, a partir do tema de sua área de cobertura, região e ataques sofridos. A discussão fundamenta-se nos estudos de trauma e feminização no jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Processos de produção jornalística; Jornalistas; Ataques generificados; feminização; traumas e riscos.

A PESQUISA

O Journalism Education and Trauma Research Group (JETREG[5]) desenvolve um estudo multicêntrico formado por 250 pesquisadores de países do Norte e Sul Global que estudam as lesões físicas, morais e psicológicas às quais jornalistas estão expostos devido ao exercício profissional decorrentes de coberturas traumáticas, bem como a suas relações com as fontes. Coordenado pelo professor Ola Ogunyemi da Universidade de Linconl (Inglaterra) e pela professora Lada T. Price da Universidade de Sheffield (Inglaterra), o objetivo geral da pesquisa em rede é incluir a discussão do

[1] Graduanda em Jornalismo pela UEPG. Desenvolve o projeto de iniciação científica Jornalistas na mira de ataques virtuais generificados e racistas: campanha de desinformação opera formas de censura, com bolsa de fomento do CNPq (BIC). E-mail: 23003067@uepg.br
[2] Graduanda em Jornalismo pela UEPG. Desenvolve o projeto de iniciação científica Violências contra jornalistas mulheres: cartografia dos dados e estudos internacionais de 2020 a 2024, com bolsa de fomento do CNPq (PIBIC). 23005567@uepg.br
[3] Graduanda em Jornalismo pela UEPG. Desenvolve o projeto de iniciação científica Quem são as jornalistas brasileiras sob ataques? Perfis a partir dos dados da FENAJ, ABRAJI e cobertura jornalística, com bolsa de fomento CNPq (PIBIC). 24011067@uepg.br
[4] Professora associada do Departamento de Jornalismo da UEPG. Coordena a equipe da América do Sul do Journalism Education and Trauma Research Group (JETREG). Pesquisadora Produtividade CNPq. pmrocha@uepg.br
[5] Disponível em https://jetreg.blogs.lincoln.ac.uk/ Acesso em 27 fev. 2025.

trauma na formação profissional de jornalistas, visto que trata-se de um fenômeno recorrente na prática profissional independente do contexto histórico e cultural do país.

A equipe que integra os países da América do Sul, considera entre os eventos traumáticos os ataques a profissionais relacionados à prática profissional, o que acentuou-se na gestão de políticos conservadores e ultra-conservadores eleitos a partir de 2010, com a onda conhecida como Maré do Azul[6]. Destacamos aqui o Brasil, com Jair Bolsonaro na presidência (2019), Sebastián Piñera (2019) no Chile, Lacalle Pou no Uruguai (2020), Argentina com Javier Milei (2023), Daniel Noboa (2023) no Equador. Todos esses países, durante esses governos, são classificados pelo Ranking Mundial de Liberdade de Imprensa realizado pelo Repórteres Sem Fronteira (RSF) pelas cores laranja claro (Problemática), laranja escuro (Difícil) ou vermelho escuro (Muito grave), que indicam de forma sequencial a escala mais baixa do grau em liberdade de imprensa (Ranking Mundial de Liberdade de Imprensa, 2024).

De acordo com a série histórica de levantamento de agressões a jornalistas e à imprensa realizada pela Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ) entre 2019 a 2022, o então presidente Jair Bolsonaro foi responsável por 570 ataques a veículos de comunicação e a jornalistas, numa média 142,5 de agressões por ano e em 2021 registrou-se o recorde de ataques com 430 casos (FENAJ, 2024). Esse fenômeno não ficou circunscrito à pandemia. Em 2022 a violência intensificou durante o período eleitoral, e se estendeu a 2023. O Relatório Violência Contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil (FENAJ, 2024) registrou 181 casos de violência contra jornalistas em 2023, uma queda de 51,86% em comparação aos 376 de 2022. Porém cresceu em 92,31% o cerceamento à liberdade de imprensa por meio de ações judiciais.

No recorte de gênero, o Monitoramento de Ataques a jornalistas no Brasil realizado pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) detectou agressões generificadas entre 2020 e 2023, com discurso estigmatizante relacionados à reputação, à moral e à sexualidade como ofensas machistas, homofóbicas, bifóbicas ou transfóbicas (ABRAJI, 2023). Os ataques não são aleatórios, eles escolhem o alvo e seguem uma lógica de operacionalização. Foram instrumentalizados pelo “gabinete do ódio” do então presidente Bolsonaro e a estratégia passou a ser incorporada por

[6] Entende-se por Maré Azul um movimento político caracterizado pela eleição de governos de direita com tendências conservadoras (Zucatto, 2019).

simpatizantes (Mello, 2020). O objetivo é manipular as redes sociais com propósitos políticos populistas e funcionam como uma “censura”.

Assim, o projeto de pesquisa Riscos e traumas no jornalismo. Inovação tecnológica e a feminização da profissão (com apoio do CNPq), desenvolvido pela equipe brasileira, integra os estudos do JETREG e analisa os ataques pela perspectiva da feminização do jornalismo, dando luz às violências generificadas contra as profissionais no período de 2020 a 2023. O estudo iniciou em 2022 e constatou a interseccionalidade dos marcadores de opressão social consubstanciando os ataques - raça, gênero e sexualidade (Dolgan; Rocha, 2024), o adoecimento das jornalistas sob ataques (Rocha et al, 2023), a necessidade em discutir os traumas na formação profissional e as lacunas de pesquisas correlatas no Brasil (Villanueva et al, 2024). Constatou ainda a necessidade em estender a investigação e aprofundar a análise qualitativa para compreender melhor o fenômeno a partir da perspectiva da feminização. Para isso, é necessário triangular os estudos de jornalismo e trauma com estudos de gênero e interseccionalidades a partir da lente dos estudos da feminização na profissão.

Para Yannoulas (2011), a feminização não significa apenas observar o aumento quantitativo da participação das mulheres no mercado de trabalho, mas também seus desdobramentos qualitativos. "O foco do estudo está centrado em descrever e interpretar a elevada proporção de mulheres em processos capitalistas contemporâneos" (YANNOULAS, 2011, p.286). Em resumo é entender os movimentos no mundo do jornalismo associado ao fato de serem mulheres múltiplas - negras, brancas, trans, cis, homossexuais, hetero etc - em uma sociedade com lastro no patriarcado, racista e estruturada na opressão e desigualdades de gênero, raça e classe, pelo menos.

No caso deste estudo compreende entender quem são as jornalistas alvos, suas trajetórias, demarcações na atuação profissional e os desdobramentos dos traumas na vida pessoal e profissional, entendendo que não são instâncias isoladas, bem como proximidades e particularidades em realidades internacionais a partir de um levantamento bibliográfico.

Esta proposta apresenta os resultados parciais de três pesquisas de iniciação científica que integram o projeto: Jornalistas na mira de ataques virtuais generificados e racistas: campanha de desinformação opera formas de censura; Violências contra jornalistas mulheres: cartografia dos dados e estudos internacionais de 2020 a 2024; e



Quem são as jornalistas brasileiras sob ataques? Perfis a partir dos dados da FENAJ, ABRAJI e cobertura jornalística.

A primeira mapeia jornalistas que sofreram ataques generificados para entrevistá-las. É necessário salientar que nem todas as jornalistas contactadas aceitam falar sobre o evento traumático, pois corre o risco de gerar gatilhos e reviver o trauma. Também é necessário considerar a diversidade de raça, gênero, sexualidade, região e tipos de mídia para atender as potencialidades da análise qualitativa e apreensão do fenômeno. Foram agendadas quatro entrevistas. Uma já foi realizada, a jornalista sofreu um ataque virtual e relata ter tido crises de ansiedade o final de semana inteiro em que aconteceu o ataque, precisou fechar as redes sociais e apagou sua conta do Twitter (agora X). Foi ameaçada de morte, mudou de cidade temporariamente, interrompeu sua rotina e cancelou seu nome em aplicativo de motorista por medo. Ela toma ansiolítico e se sente angustiada quando está em um lugar público com muitas pessoas.

A segunda pesquisa analisa os ataques generificados sofridos por jornalistas, investigando suas trajetórias para compreender o impacto dessas agressões em suas carreiras e na liberdade de imprensa. A pesquisa incluiu livros, sites e plataformas acadêmicas (Lattes), a fim de mapear o percurso profissional das jornalistas e entender o contexto em que ocorreram os ataques. O estudo inclui as experiências de Miriam Leitão e Patricia Campos Mello, duas jornalistas brasileiras renomadas que enfrentaram perseguições e campanhas de desinformação devido aos seus trabalhos. Miriam Leitão, referência no jornalismo econômico e sobrevivente da ditadura militar, foi alvo de ataques virtuais, que buscavam descredibilizá-la por sua trajetória política e pela sua atuação na imprensa. Patricia Campos Mello enfrentou uma campanha de descredibilização após realizar reportagens sobre desinformação nas eleições Ela sofreu ataques como uma ferramenta para tentar destruir sua reputação profissional.

Em âmbito internacional, está sendo realizado estudo da trajetória de Lucy Webster, jornalista americana e pessoa com deficiência (PCD). A partir de investigações de sua carreira por meio de livros, como o qual a jornalista lançou este ano sobre os desafios de ser uma jovem mulher e com deficiência, além de sites especializados e registros acadêmicos, permitindo uma análise interseccional da violência sofrida por mulheres que exercem a profissão de jornalistas. Apesar das diferenças de contexto, os ataques direcionados às três profissionais apresentam semelhanças, especialmente pela tentativa de desqualificá-las por meio de discursos machistas e com o uso da

desinformação como ferramenta de agressão. Ao comparar estas trajetórias e os padrões de violência, contribui para um debate mais amplo sobre como o gênero e outros marcadores sociais influenciam os ataques direcionados às jornalistas e como isto impacta a liberdade de imprensa.

O terceiro estudo desenvolve uma Revisão Bibliográfica dos traumas e riscos vividos por mulheres jornalistas em pesquisas científicas e monitoramentos internacionais relacionados ao tema. O recorte temporal abrange o início da pandemia do Covid-19 e expande-se para dados que mostram a incidência da violência durante e após o período pandêmico, até 2023. O projeto busca entender as similaridades entre as pesquisas internacionais e o contexto nacional a partir da coleta e sistematização dos dados e trabalhos levantados. O trabalho iniciou com o mapeamento das pesquisas no Portal de Periódicos da CAPES utilizando as palavras “journalism, trauma” e aplicou-se os seguintes filtros: revisado por pares, produção internacional e área Ciências Sociais Aplicadas. Após a análise dos trabalhos encontrados, foram separadas doze pesquisas que se adequam ao tema do projeto.

O processo de análise comparativa das pesquisas está acontecendo e já são possíveis comparações entre os trabalhos encontrados. Apenas um dos trabalhos é do continente africano, enquanto todos os outros são da América do Norte, o que mostra a necessidade de aumentar as buscas por estudos de outros continentes talvez em outras línguas. Em relação aos métodos é possível observar a preferência por entrevistas qualitativas unidas a revisões bibliográficas. Além de três pesquisas quantitativas feitas em grande escala, somente dois trabalhos utilizaram de estudos comparativos e somente um compara a situação da profissão entre dois países, o Brasil e os Estados Unidos.

Referências

ABRAJI. **Monitoramento de Ataques a Jornalistas no Brasil**. Edição 2023. Disponível em: https://ABRAJI-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/2da5b679-2702-4121-bce1-cd23cb962f06/Relat%C3%B3rio_-_Ataques_contra_jonalistas_de_2023_FINAL_alta_resolu%C3%A7%C3%A3o.pdf Acesso em 27 fev. 2025.

DOLGAN, A.D.; ROCHA, P.M. “Putas e cachorras”: desinformação como instrumento de ataques generificados a jornalistas mulheres. In: XI Seminário de Pesquisa em



Jornalismo Investigativo, 2024, São Paulo. XI Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo. São Paulo: ABRAJI, 2024. v. 11. p. 1-10.

FENAJ. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**. Relatório 2023. DF: Fenaj, 2024. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2024/01/Relato%CC%81rio-da-Viole%CC%82ncia-2023.pdf Acesso em 27 fev. 2025.

Ranking Mundial de Liberdade de Imprensa. In **Repórteres sem Fronteira**.2024 Disponível em https://rsf.org/pt-br/classement/2024/am%C3%A9ricas .Acesso em 04 mar. 2025.

ROCHA**,** P.M.; LOPES, G.Z.**;** VILLANUEVA, L. M. P. M. Health at risk by misogynist attacks on female Brazilian journalists: trauma reports. **'Living to tell the tale' - Building Community Resilience in Journalism Symposium,** 1, 2023, Reino Unido. **Anais**…Reino Unido: Universidade de Sheffield, 2023.

VILLANUEVA, L. M. P. M.;ROCHA**,** P.M.; LOPES, G.Z. Riesgos del ejercício periodísticoen tiempos digitales. In: Leonardo Melo González; Maurício Montenegro; Diana Carolina Moreno; José Miguel Pereira G.. (Org.). **Pensar em movimiento. Cátedra Unesco de Comunicación**.1ªed.Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2024, v. , p. 243-262.

ZUCATTO, G. E. A ascensão da direita na América do Sul. **Boletim OPSA**, v. 1, p. 6-14, 2019.